



Editorial

O ato de representar tem origem no termo apresentar (em inglês *present*), sendo compreendido como “tornar presente na mente”. A palavra passou por diferentes empregos e interpretações ao longo do tempo quando, no século V, estendeu seu uso, segundo o escritor e crítico literário Raymond Williams (2014, p. 353), passando a ser empregado no sentido de simbolizar e significar. Contudo, no século XVII, novas direções são dadas, a de atuar em nome de outro e de caracterizar politicamente os que não estão presentes, representantes ou representativos, de um grupo ou interesses coletivos. De fato, pode-se pensar atualmente que a palavra *representação* tem significados acumulados e simultâneos, oscilando entre os sentidos de tornar presente na mente, simbolizar e significar alguma coisa, e a corporificação visual de algo ou alguém. Além disso, como fato no presente, a representação é constantemente construída e erodida, lembrada e apagada, estabelecendo disputa, um significativo instrumento de poder político.

A décima quinta edição da Revista ARA, por meio do convite elaborado para a Professora Paula André, do Instituto Universitário de Lisboa, e para o Professor Paulo Simões Rodrigues, da Universidade de Évora, Portugal, instigou seus colaboradores a refletir sobre a “Memória e Representação do Passado Recente”. Sendo a memória resultado de uma complexa convergência daquilo que aconteceu com os interesses do presente, o intuito desta temática foi também enveredar sobre os diferentes meios e modos de compreensão crítica a respeito das representações do passado, quer ele distante ou recente, ou seja, de que modo as representações, em seus amplos formatos e suportes, “são instrumentos de construção de memória, e assim, por esse motivo, de significação e valorização desse passado no presente” (André; Rodrigues, 2023).

Perante valiosas trocas e intercâmbios além-mar, a Revista ARA preservou a linguagem e versões do português do Brasil e de Portugal nos artigos publicados. Esta edição reúne valioso panorama sobre diferentes formatos e suportes da representação e da memória, desde o patrimônio edificado entre ruínas arqueológicas e arquiteturas obsoletas, aos sítios arqueológicos de povos originários a matéria do passado recente industrial, preservados e redesenhados, passando por comunidades em seus espaços e formas de sociabilidade e identidade. Igualmente, abre versada reflexão para imagens, desde capturas por lentes aéreas e abrangentes, ao foco nas dimensões da morada doméstica até chegar ao âmbito mais íntimo e pessoal. Muitas vezes, o percurso expressa-se por incontáveis meios de manifestações artísticas, da pintura como suporte, aos modos de representar por meio de desenhos, projetos, fotografias, imagens, testemunhos, monumentos; em suma, todos selecionados a ver em um determinado espaço-tempo. Por fim, reitera-se a emergência das memórias apagadas e a necessidade da memória agonística, do sofrimento atual e recente vivenciado em pandemia, a ser constantemente lembrado, instrumento crucial de amparo à democracia presente.

O cuidado com a memória, suas mudanças e ações abrem a ARA 15 com expressiva contribuição do artigo *Passado no presente: memória e identidade*, em que a visita a dois sítios arqueológicos da América Latina localizados no Peru e na Bolívia, eleitos por sua preservação, diversidade étnica e cultural. Sublinha o trabalho investigativo e

preservacionista do material arqueológico, afastado dos espetáculos, empenhando-se em informar o público e as comunidades locais, de modo sistemático e contínuo, acentuando valores, hábitos e ancestralidade dos povos.

No enfrentamento da memória tangível, as edificações faceiam dilema entre a sobrevivência por demandas do presente e a preservação do passado. A transformação de antigos espaços fabris e curtumes é analisada no artigo *Memória e representação do passado recente: o patrimônio industrial português reconvertido em Évora e Guimarães*. Atualmente, as fábricas foram convertidas em espaços de ensino e em centro de ciências, formando exemplares exitosos, tanto para documentar a memória dos trabalhadores como para preservar a cultura de comunidades e cotidianos recentes que os abrigam.

Outro modo de investigação seleciona tipologia de edificação e a analisa em um amplo arco temporal. A existência ao longo de 90 anos das Casas do Povo em Portugal, são objeto de reflexão do artigo *O Presente e o Passado das Casas do Povo em Portugal: arquitetura, comunidade e memória*, sendo tais edificações consideradas testemunhos arquitetônicos e urbanos significativos para compreender o passado e a memória das comunidades, assim como, “também relevantes para o entendimento do país, da sua história e do seu presente”.

A partir da construção das imagens do trabalho de três fotógrafos paisagistas que se valem das representações a voo de pássaro, o artigo *A voo de pássaro: imagens fotográficas, drones e o sublime contemporâneo nas representações recentes da paisagem e do território*, analisa as relações de uso do território e da paisagem, a ressaltar ruptura com a escala humana, ausência de ponto focal e de hierarquias, elementos estruturais da composição clássica. Enquanto o artigo *As paredes da memória: releituras de espaço/tempo pela montagem* vale-se da noção de “montagem cronotópica de imagens” para examiná-las como produtoras de sínteses e relatos, considerando relações entre memória, espaço e fotografias familiares. Neste processo de montagem, o ensaio visual *Estamos aqui em conjunto agora: ativação de ligações através da partilha de memórias* estrutura uma colagem

narrativa para tornar visível uma série de ligações afetivas entre cinco participantes de um arquivo comunitário.

O pintor açoriano António Dacosta (1914-1990) tem sua vivência analisada no artigo *Motivos e perspectivas insulares na pintura de António Dacosta*. Em ordem cronológica identificam-se os impactos da ditadura em Portugal, da emigração e dos eventos de seu tempo em obra influenciada pela memória e seu lugar.

As instituições culturais agenciam expressivo vetor para elaboração, apagamentos e reconciliação de variadas representações em suas escolhas, recortes e promoções. De um lado, as mudanças no *status* institucional, em que pese a massificação de público e popularização de temas e formatos expositivos, demandando análises pontuais e comparativas, como proposto no artigo *Expografia para novos museus*, em que seleciona para estudo duas exposições: *Tercer Ojo*, no Museu de Arte Latinoamericano (Malba), e *Terra Incógnita*, no Centro Cultural Recoleta, ambas ocorridas em Buenos Aires durante 2022. No artigo denominado *Le Corbusier e o Novo Mundo do Espaço: uma exposição em contexto*, questionam-se a neutralidade da fotografia, e o valor que ela assume nas exposições de arquitetura, além do importante papel da expografia e da organização no espaço, comparando duas montagens da exposição *Le Corbusier - Novo Mundo do Espaço*, inicialmente apresentada no *The Institute of Contemporary Art* (ICA) de Boston, em 1948, e dois anos depois no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

E, mais ainda, nesta 15ª edição da Revista ARA apresentam-se reflexões em que o poder, a memória, as escolhas e os excluídos estão presentes. O texto *Por quem falam os monumentos: polícia estética na construção do lembrar* discorre sobre o papel dos monumentos como agentes da “polícia estética”, responsáveis igualmente por organizar e perpetuar regimes de memória, delegando quem pode lembrar e o quê. Ao abordar diferentes possibilidades de memória, reparação e representação da recente tragédia da Covid-19, o artigo *Necropolítica e memória na pandemia de Covid-19: análise das iniciativas de justiça e reparação no Brasil*, debate alguns segmentos que retratam um mosaico de iniciativas de justiça para os crimes da pandemia no Brasil.

No final de *Espaços da recordação formas e transformações da memória cultural*, Aleida Assmann retoma o vínculo entre o recordar e esquecer – tese que perpassa o livro, em sua forma paradoxal não se pode desvincular a recordação do esquecimento; ela participa dele e nele se dilui. Ao refletir sobre a escrita digital e se este é um meio para a memória ou o esquecimento, a autora se refere ao tempo presente como o *continuum* de imagens, cascata de impulsos e informações das mídias que já nada fixam, as imagens em sua serialidade como política de uma comunicação comercial, na qual a ruptura é justamente a recordação. Desse modo, a edição da Revista ARA 15 almeja “tornar presente na mente” a *Memória e Representação do Passado Recente*, como o esforço de uma dobra, uma cavidade, uma pausa frente ao ininterrupto fluxo do presente, pois segundo Assmann, “recordar possivelmente tem algo a ver com a interrupção de fluxos” (2018, p. 442). Desejamos, assim, uma boa leitura.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ANDRÉ, Paula; RODRIGUES, Paulo Simões. *Memória e Representação do Passado Recente*. Chamada aberta Revista ARA 15. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.museupatrimonio.fau.usp.br/wp-content/uploads/2023/06/Chamada-REVISTA-ARA-15-FAUUSP.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.